

Na imensidão da existência, a Mãe Clara encontrou um solo fértil pela dor. Era o dia 31 de maio de 1856, aos 13 anos de idade, quando Libânia experimentou o adeus de saudade e carinho infinito da sua mãe. Após a morte da esposa, o Pai de Libânia, revestido de coragem, preparou os filhos para o que a vida ia exigir deles. Fê-lo com palavras de imensa ternura, mas também com firmeza de cristão, incentivando-os a encarar as agruras da vida de cabeça erguida, sem jamais dar as costas ao próprio dever. Ajudou-os a dominar a emoção, a enxugar as lágrimas e a sorrir com os lábios ainda trémulos. Com a mesma coragem viu os cinco filhos sair de casa para Instituições de recolhimento, pois não conseguia, sozinho, trabalhar e cuidar dos cinco filhos. Um mês depois de entrar para o Asilo da Ajuda, o Pai de Libânia também contraiu a febre amarela, levando-o à óbito aos 45 anos de idade. Naquele tempo de cólera tudo se fazia para evitar o contágio. Portanto, Libânia não pudera ver o Pai, nem se despedir dele. Eram desenlaces profundos numa personalidade tão jovem, porém mais profunda foi a fé recebida de seus antepassados, a ponto de lhe formar um caráter, ao mesmo tempo firme e persistente, bondoso e sensível, sempre iluminado pela esperança e pelo otimismo. A graça divina a conduzia, entre sacrifícios e aceitação do que considerava a vontade de Deus e seguiu o seu caminho, decidindo pela pobreza, silêncio e pela consagração total ao Senhor (Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *Maria Clara do Menino Jesus sua gente e sua obra*, Coimbra, 2013, págs. 37- 40).

É nos momentos de desafios e adversidades que as raízes da resiliência se aprofundam até alcançar o crescimento que transcende as limitações da vida. Chegado o dia 3 de maio de 1871, o Padre Beirão arriscou a missão de fundar em Portugal um novo



MÃE CLARA

Um grão germinado na Cruz



Durante as odiosas perseguições sofridas por ocasião do processo da Irmã Coleta, continuou a esperar serenamente no Senhor, consciente de que as obras de Deus devem ser provadas pela contradição. As declarações por ela feitas na entrevista a *La Unión Católica*, revelam que não se deixou abalar, nem perdeu a fé e a confiança no Deus Providente e Bom

(Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae*



PÁSCOA ETERNA

**Março
2024**



Jamais usou de palavras ou atitudes que gerassem conflitos entre as pessoas, ou jogassem as autoridades umas contra as outras. Embora a razão tivesse do seu lado, nunca se prevaleceu disso. Pelo contrário, agia como se nada tivesse acontecido

(Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Iesu Infante*, Vol. I Informatio, Romae, 2002, pág. 89).

Com as autoridades eclesiásticas era respeitadora, delicada e correta, acatando reverentemente as suas determinações, mesmo ao seu desfavor, sem jamais trair a sua consciência. Apesar das incompreensões e injustiças por parte das autoridades eclesiásticas, manifestou sempre profunda gratidão às mesmas. Não só não se mostrava ressentida com as ofensas, mas permanecia aberta e disponível (Cf. Ibidem, pág. 94).



Instituto, capaz de atender às carências do seu tempo, mas não estava sozinho. Contou com a Irmã Maria

Clara do Menino Jesus (cf. Ibidem, pág. 59) que, após fazer a sua formação para a vida religiosa consagrada, junto às Irmãs Hospitaleiras e Mestras de Calais, tornou-se Fundadora da Confhic no amor e cresceu à sombra da cruz. Juntamente à alegria de fazer a sua consagração à Deus, não deixava de experimentar um certo temor, ao recordar a árdua missão que a esperava. Pressentia que este passo era o começo de uma longa e dolorosa “Via-Sacra”, no caminho da sua configuração com Cristo (Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *Maria Clara do Menino Jesus sua gente e sua obra*, Coimbra, 2013pág. 61).

Numa manifestação admirável de força interior, a Irmã Maria Clara continuou o seu caminho entre alegrias e agruras, com coragem e determinação. Desta vez experimentou um novo tipo de orfandade, a espiritual. Com apenas sete anos de fundação, enfrenta a morte repentina do Pai Fundador, seu zeloso conselheiro e apoio mais fiel nas dificuldades e tribulações. Diante deste cenário, achava-se humanamente sozinha à frente duma Congregação que rapidamente se expandia, com inúmeros problemas e desafios, contando apenas com o auxílio divino e a sua fé inabalável na Divina Providência (Cf. Ibidem, págs. 95-96).

Tornava-se urgente organizar a vida interna da Congregação de acordo com as Constituições. Como serva obediente a Deus, a Igreja e à missão a ela confiada, foi buscando os meios necessários para manter o Carisma hospitaleiro vivo e fecundo, enfrentando conflitos e obstáculos internos e externos, bem como da parte de autoridades da Igreja. Porém, era necessário que a obra lançasse

raízes profundas com uma orientação espiritual adequada. Além de ser uma Congregação de direito pontifício, dependia dos ordinários das Dioceses onde as Irmãs trabalhavam (Cf. *Ibidem*, pág. 141).

Conforme referiu a Irmã Saudade, “nessa época, o joio e a cizânia que o demônio tinha semeado na Congregação já tinha produzido seus envenenados frutos”. Depois do processo da Irmã Coleta, algumas Irmãs não a viam com bons olhos e tornaram-se suas “adversárias tão declaradas, que não lhe perdoavam a menor falta ou imperfeição, aproveitando todos os meios de a humilhar e fazer sofrer, embora sem fundamento”. O Núncio dizia ter recebido queijas de Irmãs. Era a lista das queijas: eram obrigadas a confessar-se a um Padre de quem não gostavam, nunca existira outra Geral, fazia acepção de pessoas, facilmente se dispensava dos atos comunitários, nomeava recém-professas como superiores, era por índole teimosa e despótica e mui pouco instruída, tinha “gênio violento” e tratava mal as Irmãs, entre outras (Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Iesu Infante*, Vol. II *Informatio*, Romae, 2002, pág.109).

O Patriarca de Lisboa, acusava a Geral de apoiar as Superiores e interferia nas transferências das mesmas. Convocou e preparou um Capítulo antecipado e lembrou à Geral a sua disposição de renunciar e que não contasse com uma reeleição, pois não seria aceite pela Santa Sé. Orientou-a para, caso fosse reeleita, declinasse a honra para deixar o cargo dignamente. Como justificação para esse modo de agir, o Patriarca alegava apego desordenado e orgulho pelo cargo, doença, falta de zelo, de prudência e de docilidade às ordens dos superiores: “vai sempre fazendo o que entende, embora prometa obedecer”. Com tudo o que desabava sobre si, a Mãe Clara seguia o seu caminho de fazer o bem onde



“Caminhava em direção ao calvário, sempre decidida e animosa, por maiores que fossem as dificuldades e provações, porque tivesse de passar. Dir-se-ia que, quanto mais difícil era o caminho, maior era a fortaleza de que estava

revestida” (MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Iesu*



Como reconhecerá ele em vós que sois suas filhas, se ele em vós não encontra nada em que vos assemelhe?

(Mãe Clara)